

## O IDEAL DO HOMEM COMPLETO

*Desde sempre foi entendido que o ser humano tem múltiplas capacidades, mas que a sua perfeição consiste em tê-las harmoniosamente desenvolvidas.*

### Aspiração antiga e primordial

Desde que o homem é homem, aspirou à perfeição. Que essa perfeição seja um ideal inatingível em absoluto, também os homens foram verificando ao longo da História.

Mas de acordo com valores que têm evoluído ao longo do processo civilizacional, configurando-se num conjunto cada vez mais estável e independente das relações temporais, o ideal de um ser que reúna todas as boas qualidades e nenhum defeito atraiu sempre as imaginações e dirigiu os esforços dos educadores. Em todos os tempos, filósofos, moralistas e pedagogos expuseram ideias, propuseram critérios, buscaram métodos para pôr a juventude no caminho daquele ideal, e fazem-no também agora, incessantemente.

Lutaram sempre, e lutam ainda agora, com a realidade da natureza humana, que mostra permanentemente a sua complexidade e atavismos inibidores. Na Teologia cristã é bem explícita a condição humana marcada pelo pecado original, cujos efeitos todo o esforço de santificação e ascese procura atenuar; mas rara é a civilização cuja mitologia não contenha também alguma coisa equivalente e limitadora da certeza da existência duma perfeição total. Mas mesmo sem recorrer a qualquer fundamentação teológica ou mítica, é bem evidente a insuficiência do ser humano para se elevar a um grau de perfeição absoluta - ou até mesmo de a definir.

As civilizações clássicas Grega e Romana, as filosofias e religiões orientais, as culturas europeias na Idade Média e no Renascimento, p.ex., propuseram modelos, paradigmas ou ideais de perfeição dentro dos seus próprios sistemas de valores, tanto como outras civilizações e culturas o fizeram ainda que de modo não explícito.

Mas se diferem de forma ou de ênfase num ou noutro aspecto, têm em comum uma constante: a ideia de que o Homem deve tender a ser completo, isto é, não deve abdicar de nenhuma parte daquilo que constitui a sua natureza própria, nem deixar por desenvolver capacidades latentes. Repare-se até nisto: nos grandes textos literários, nos grandes poemas heroicos, nas narrativas grandiosas de feitos extraordinários, raramente os seus protagonistas estão isentos de alguma falha, de alguma insuficiência, de algum defeito, de um ou outro aspecto caricato ou pouco nobre... A excelsa força de carácter de D. Quixote era acompanhada por uma total incompreensão do mundo real à sua volta; o solerte Ulisses não hesitava em mentir e enganar; Hércules fez os seus mitológicos

trabalhos de coragem e de força, mas os deuses do Olimpo riam-se da sua inteligência obtusa...

E os “super-heróis” que a banda desenhada e os desenhos animados oferecem hoje à juventude em doses industriais? Que valem como modelos? Percorrer aquelas publicações que pululam entre a gente nova é encontrar a maior colecção de figuras anómalas, incompletas, moralmente deformadas ou nulas, privilegiadas num ou noutro aspecto no mais elevado grau imaginável e desprovidas de qualquer interesse, valor ou competência em todos os outros. A imaginação e a criatividade dos autores de banda desenhada não vai nada no sentido de inculcar a ideia de que o que faz a riqueza de carácter e a capacidade de enfrentar a diversidade de situações que a vida impõe, e dentro da qual se deve buscar a felicidade e a plenitude, se encontra no equilíbrio e na completude da personalidade.

Buscar esse equilíbrio e essa completude exige “aprender a ser”.

#### E nós?

Alguém, em consciência, poderia desejar para um filho que ele seja forte e atlético, mas inteiramente ignorante e insensível?

Alguém poderia desejar para um filho seu que ele fosse inteligente e sabedor, mas completamente inapto fisicamente e incapaz de cuidar da sua saúde?

Alguém desejaria para um filho seu que ele tivesse uma grande criatividade artística e intelectual, mas que não tivesse o menor sentido moral e cívico, constituindo-se à partida como um marginal e um desadaptado?

Certamente que ninguém, em consciência, pensará assim.

Certamente que todos acharão mais perfeitos, mais equilibrados, os homens e mulheres em que as qualidades e as capacidades que desenvolveram formam um conjunto harmonioso, não obstante algumas competências e algumas vocações serem naturalmente mais evidentes e robustas do que outras, nessas pessoas. Tender para a perfeição e para a completude não é, de maneira nenhuma, tender para a uniformidade ou para a dissolução da personalidade em qualquer modelo imposto e aceite.

Aprender a ser é assim também aprender a adquirir um leque suficientemente vasto de conhecimentos práticos e teóricos, e uma série de competências no exercício das funções profissionais e sociais, para que a inserção na sociedade actual se faça com naturalidade e eficiência. A sociedade contemporânea, com a sua característica mobilidade e os seus permanentes desafios, não se compadece com os homens e mulheres que não dispõem, para os enfrentar, senão uma única área de qualificação.

A torrente de informação que hoje, mais do que ser acessível, nos é praticamente imposta vinda de todo o Mundo pelos meios de comunicação social, pela mobilidade geográfica e profissional, pela intervenção cívica e política, pela capacidade de discerni-

mento, interpretação e crítica. A velocidade das actividades de toda a ordem em que hoje se manifesta a modernidade exige capacidades de reacção, atenção e boa forma física. A complexificação das tecnologias em que se envolve o quotidiano profissional e pessoal exige um “fundo” de conhecimentos básicos, teóricos e práticos, para ser frutuosa utilizada.

Todas estas exigências apontam para a necessidade actual de fazer reviver, de certo modo, o ideal antigo do “Homem completo”; ele é assim a imagem ideal do ser humano que busca atingir a plenitude pessoal, a partir da situação concreta dos nossos dias.